opusdei.org

A Filiação divina: fonte de vida espiritual

Apresentamos o artigo "Consciência da filiação divina, fonte de vida espiritual", escrito pelo professor de Teologia Javier Sesé e publicado em "Scripta Theologica" 31 (1999/2).

26/03/2020

A Filiação divina: fonte de vida espiritua

1. A partir da experiência dos santos

“ Deus comunica-se nesta união interior à alma com tanto amor verdadeiro, que não existe amor de mãe que acaricie o seu filho com tanta ternura (...) E assim, aqui está empregado em presentear e acariciar a alma como a mãe em servir e presentear o seu filho, criando-o ao peito; pelo que a alma conhece a verdade das palavras de Isaías que dizem: 'Os seus filhinhos serão levados ao colo, e acariciados sobre os seus regaços.' '(Is 66, 12)”. Até agora S. João da Cruz no seu *Cântico Espiritual*.

"Perante uma linguagem como esta, só é possível calar e chorar de gratidão e amor", acrescenta Santa Teresa do Menino Jesus, lembrando a mesma citação de Isaías, completada, entre outras referências da Escritura, com esta do mesmo profeta: “Acaso pode uma mulher esquecer-se do seu bebé, não ter carinho pelo fruto das suas entranhas? Ainda que ela se

esquecesse dele, Eu nunca te esqueceria.” (Is 49, 15)

Por isso, Santa Teresa de Jesus diz de Deus "que por força deve ser melhor do que todos os pais do mundo, porque n’Ele não pode haver nada senão tudo bem realizado"; e S. Josemaria Escrivá declara, paralelamente, que Deus é um Pai que nos ama "mais do que todas as mães do mundo podem amar os seus filhos". E acrescenta, emocionado, noutro momento: “As palavras não podem seguir o coração, que se emociona perante a bondade de Deus. Diz-nos: tu és meu filho. Não um estranho, nem um servo tratado com benevolência, nem um amigo, isso já seria muito. Filho! Concede-nos um caminho livre para vivermos com Ele a piedade do filho e, ousaria afirmar, também a desvergonha do filho de um Pai, que é incapaz de negar-lhe alguma coisa”.

Estes textos, citados como início da nossa reflexão, pretendem ser paradigmáticos, tanto do seu conteúdo quanto do seu método. De facto, propomos apresentar uma reflexão teológica sobre a consciência da filiação como fonte de vida espiritual, mas inspirada na experiência e no ensino dos santos.

Não é minha intenção analisar uns textos concretos de determinados mestres de espiritualidade; nem sobrecarregar com uma ampla erudição de referências, embora vá citar um bom número de exemplos como apoio às minhas reflexões; mas expor o que a leitura, o estudo e, acima de tudo, uma "contemplação" teológica da doutrina e a experiência interior de vários santos me levam a concluir como uma síntese comum a todos eles.

Dessa maneira, quero apresentar algumas ideias que, por um lado,

tenham um carácter e uma aplicação o mais universal possível e, por outro, estejam apoiadas em autoridades teológicas comprovadas.

De facto, a filiação divina, como condição comum e básica do ser cristão, pode e deve ajudar-nos a todos no caminho da nossa vida espiritual; e a experiência e o ensino daqueles que percorreram esse caminho com êxito são a melhor garantia tanto da veracidade do que afirmamos como da sua utilidade prática.

Se toda a teologia, na minha opinião, deveria levar harmoniosamente ao conhecimento da verdade divina e à consolidação da santidade pessoal, muito mais a parte dessa ciência que estuda expressamente a santidade cristã e que costumamos chamarteologia espiritual; e se os santos proporcionam luzes decisivas para toda a boa reflexão teológica, na

teologia espiritual tornam-se indispensáveis.

Penso que, além disso, o meu contributo pode ser verdadeiramente complementar ao que ouvimos até agora no simpósio; não tanto por dizer coisas diferentes, porque continuaremos a contemplar a figura de nosso Pai Deus, mas por iluminar essas ideias de outra perspetiva: uma perspetiva que, oxalá seja viva e vivificante para todos, como certamente foi para aqueles que inspiraram estas linhas.

Como última consideração introdutória, não devemos esquecer que estamos perante o principal mistério de nossa fé (o próprio Deus), contemplado a partir de experiências espirituais que, por sua vez, escondem outro mistério de fé: o da vida divina na alma cristã. Há, portanto, muito mais nessas realidades - infinitamente mais - do

que se pode dizer aqui, e na própria experiência desses santos há muito mais riqueza do que a teologia conseguiu extrair até agora. Portanto, cada afirmação proposta aqui abre novos e amplos cenários de reflexão. Mas este é precisamente um dos grandes incentivos da ciência teológica, e da teologia espiritual em particular.

2. O amor paterno de Deus e a intimidade trinitária

A contemplação reflexiva de textos e experiências como as mencionadas no início levou-me, nestes últimos meses, a uma primeira convicção que considero fundamental e que proponho como ideia-chave de tudo o que se seguirá: o que faz os santos reagirem não é tanto a consciência de serem ele mesmo ou ela mesma filha ou filho de Deus, mas a compreensão cada vez mais profunda e viva do que significa

"Deus é meu Pai" ; isto é, a descoberta do infinito amor divino derramado nele ou nela: a verificação viva e prática de "quanto Deus me ama".

O santo está indubitavelmente ciente do que causa o Amor divino no seu próprio ser e na sua própria vida, e agradece-o efetivamente; mas mais do que apenas olhar para si mesmo, olha para Deus: contempla admirado a Sua infinita grandeza e descobre com surpresa que todo esse esplendor não permanece estático e como que alheio aos seus olhos, mas que Se inclina para ele, dá-Se-lhe, faz-Se seu, sem outro motivo além da pura liberalidade do Seu Amor divino.

Esses sentimentos estão presentes, em particular, nos textos citados no início, mas recolhamos outras palavras significativas, neste caso de Santa Teresa de los Andes, para nos ajudar a dar mais alguns passos:

“Nosso Senhor disse-me que queria que eu vivesse com Ele numa comunhão perpétua, porque me amava muito (...) Então disse-me que a Santíssima Trindade estava na minha alma; que A adorasse (...) A minha alma estava atordoada. Via a Sua infinita Grandeza e como descia para Se juntar a mim,um nada miserável. Ele, a Imensidão, com a pequenez; Sabedoria, com ignorância; o Eterno, com a criatura limitada; mas, acima de tudo, a Beleza, com a fealdade; Santidade, com pecado. Então, nas profundezas da minha alma, de uma maneira rápida,fez-me entender o amor que O fazia sair de Si mesmo para me procurar (...) Vi que (...) com uma criatura tão miserável Se quer unir; quer identificá-la com o Seu próprio ser, tirando-a das suas misérias para divinizá-la de tal maneira que chegue a possuir as Suas infinitas perfeições."

Com base no que acabamos de ler, destacamos duas outras ideias fundamentais que considero inseparáveis da primeira já apontada: é o Deus Todo-Poderoso, Imenso, Eterno, Infinito, Imutável, etc., que é nosso Pai e, portanto, nos ama, com toda a comovedora ternura materna que lembrámos no início; e é, ao mesmo tempo, o Deus Trino que assim Se entrega a nós, não apenas porque nos revela os segredos da Sua intimidade trinitária, mas porque introduz a alma nessa mesma intimidade.

Não me refiro com isto à dedução de que o que foi dito deve ser assim porque Deus é assim; mas a que a consciência viva que os santos têm daquele divino Amor paterno que se derrama na alma e que os comove até às entranhas inclui três aspetos inseparavelmente, cuja combinação causa precisamente a intensidade e profundidade da sua reação interior:

o amor de Deus por mim é tão próximo e íntimo como o que existe entre mãe e filho recém-nascido (primeiro aspeto); não porque se digna dar-me algumas migalhas do Seu infinito amor, mas porque se entrega Ele verdadeiramente, como é, na Sua grandeza e infinidade (segundo aspeto); e a prova irrefutável de que isso é verdade é o facto de que Deus Se entrega a mim como Se entrega a Seu Filho (terceiro aspeto): é meu Pai, como é Pai de Jesus; a minha filiação é participação na mesma Filiação do Seu filho; e o Seu amor por mim é como o amor com o que ama o Seu Filho: entrega-me o mesmo Amor paterno-filial, que é o Espírito Santo.

Por outras palavras: a experiência e o ensino dos santos - eco do que se manifesta nas Escrituras - mostra-nos, por um lado, que somente dentro da própria Trindade, e por que Ela toma a iniciativa de Se abrir

e Se dar , pode haver verdadeira intimidade com Deus, verdadeira troca de amor, verdadeiro tratamento paterno-filial; e por outro lado - ou melhor, como consequência - que só então Deus é realmente meu e tudo o que é Seu é meu, sem deixar de ser Deus.

O santo compreende profundamente e ensina, através dessa demonstração de reverência e ousadia, de amor e humildade, maravilhosamente combinados, que se Deus me amasse "como de fora de Si mesmo", isto é, não trinitariamente, não seria realmente Pai. Seria, na melhor das hipóteses, apenas pai analógico ou limitado; bom, isso sim; capaz de nos dominar com inúmeros presentes e demonstrações de afeto, tentando conquistar os nossos corações; mas sem realmente entrar nele: porque a alma intuiria, no fundo, que é um amor indireto, até interesseiro; esse não é o amor de um verdadeiro pai.

No entanto, a Encarnação de Jesus Cristo, a Sua morte por nós, o dom do Seu Espírito, a vida trinitária na alma, dizem-nos que Deus é o Pai da verdade, que Ele me ama pessoalmente (tri-pessoalmente, poderíamos dizer); para além de dons e dádivas concretos, por mais maravilhosos que sejam … que o são! A alma que entende e sente isso a fundo transcende os dons e presentes concretos; porque, antes de mais, sabe que sempre O tem, com todos os tesouros da Sua mesma vida divina-trinitária.

Vamos insistir nessa importante doutrina, reproduzindo uma síntese teológica exata de Santa Edith Stein: "A alma, na qual Deus habita pela graça, não é simplesmente um ecrã impessoal na qual a vida divina se reflete, mas ela mesma está dentro dessa vida. A vida divina é uma vida trinitária e tripessoal: é o Amor transbordante com o qual o Pai gera

o Filho e Lhe dá o Ser, e com o qual o Filho recebe esse Ser e o devolve ao Pai, o Amor no qual o Pai e o Filho são a mesma coisa e ambos o espiram como Seu Espírito comum. Pela graça, esse Espírito derrama-Se, por sua vez, sobre as almas. Desta maneira, verifica-se que a alma vive a sua vida de graça pelo Espírito Santo, ama n´Ele o Pai com o Amor do Filho e o Filho com o Amor do Pai."

3. Singularidade da relação Pai-filho

Esmiucemos um pouco mais essas ideias básicas. A alma santa é particularmente consciente não apenas de quanto Deus ama, como ama, mas da singularidade do Seu amor: de quanto *me* ama e como *me* ama; que não é apenas Pai, mas *meu* Pai; não é apenas Amor, mas *meu* Amor. É por isso que se atreve a tratar Deus com as mesmas palavras

de Jesus: "Meu Pai", "Abba": Papá! Bem consciente, é claro, de que ele pode dizê-lo e dizê-lo movido pelo Espírito do Pai e do Filho que habita na sua alma, como lembra São Paulo (cf. *Rm* 8, 14-17 e *Gal* 4, 4-7) ... Mas di-lo! E o "Pai Nosso" alcança então o seu verdadeiro significado: meu Pai, teu Pai e seu Pai ..., de todos e de cada um, em Jesus Cristo.

É isso que S. Josemaria Escrivápropõe: "dir-Lhe-emos com S. Paulo, Abba, Pater, Pai, meu Pai! Porque, sendo o Criador do universo, não Se importa que não usemos títulos altissonantes, nem sente falta da devida confissão do Seu senhorio. Quer que O chamemos Pai, que saboreemos essa palavra, enchendo a nossa alma de alegria. Deus é, desse modo, meu Pai (muito próximo, íntimo)... mas não deixa de ser meu Deus; e isso tem consequências importantes: todo o poder, a glória e a majestade, a bondade, a verdade e

a beleza divinos para o homem ... Para mim em particular! Meus por direito de filho. Não merecidos, nem ganhos ou conquistados, é claro; mas também não simplesmente dados graciosamente por um Senhor todo-poderoso que se digna aproximar-se desde a sua altura majestosa; mas recebidos como efeito irrefutável de que me fez realmente Seu filho, com todas as suas consequências ... E isto é, sem dúvida, muito maior e mais comovente, embora os resultados práticos pareçam os mesmos.

Digo "pareçam", porque, de facto, os resultados não são os mesmos: muitas das audácias - por exemplo, apostólicas - que contemplamos na vida dos santos, penso que são apenas explicáveis porque "usam" o poder de Deus - valha a expressão - como próprio de um filho, de um herdeiro de pleno direito. Melhor ainda, como um poder que flui do próprio Deus agindo da parte mais

interna da sua própria alma; e não simplesmente como um presente recebido de fora para ser usado, por muito liberal que tenha sido o presente e por muita liberdade de uso que tenha concedido o doador. Além disso, somente a partir dessa perspetiva é possível manter o equilíbrio - como mantêm os santos - entre audácia e humildade.

Afinando um pouco mais, podemos dizer que a verdadeira consciência da filiação divina é a consciência não apenas de que é meu Pai e meu Deus, mas também meu Deus-Pai, que me dá como próprios o Seu Filho e, com Ele, o Seu Espírito; isto é, há uma captação muito profunda da Unidade na Trindade e da Trindade na Unidade; e nela, do equilíbrio entre transcendência e proximidade de Deus, entre a Sua grandeza e a Sua surpreendente aniquilação para ser meu, nosso.

É o que exprime, entre outros possíveis testemunhos, um dos parágrafos mais conhecidos das Moradas de Santa Teresa de Jesus: “entende (a alma que atinge as sétimas moradas) com grandíssima verdade serem todas as três Pessoas uma substância e um poder e um saber e um só Deus (...) Todas as três Pessoas são comunicadas aqui, e lhe falam, e dão a entender as palavras que o Evangelho diz que o Senhor disse: que Ele, o Pai e o Espírito Santo viriam morar com a alma que O ama e guarda os Seus mandamentos (cf. *Jo* 14:23). Oh, valha-me Deus! Quão diferente é ouvir estas palavras e crer nelas, de entender assim como são verdadeiras! E cada dia se espanta mais essa alma.”

E é o que S. João da Cruz também explica na sua *Chama do amor vivo*, já no prólogo: “E não é de se maravilhar que Deus faça tão altas e estranhas mercês às almas que dá

em presentear; porque se considerarmos que é Deus, e que as faz como Deus, e com infinito amor e bondade, não nos parecerá fora da razão; pois Ele disse que em quem o amasse viriam o Pai, o Filho e o Espírito Santo e habitariam nele (cf. Jo 14:23); que o faria viver e habitar no Pai, no Filho e no Espírito Santo na vida de Deus. ”

Voltaremos a seguir aos aspetos trinitários desta realidade. Agora, vamos continuar a aprofundar nas características da intimidade paterno-filial que os santos descobrem nesse divino Amor.

A confiança e o abandono que decorrem da realidade da filiação divina são habitualmente muito sublinhados, mas, seguindo a linha marcada no início da nossa reflexão, quero insistir em que o santo se fixa principalmente em como Deus o ama e o trata, de tal maneira que não tem

outro remédio, por assim dizer, senão confiar e abandonar-se. Ou seja, essa atitude não é tanto o resultado de um esforço ascético pessoal - embora esse esforço também exista - como, acima de tudo, de se deixar levar por Deus: por algo se fala precisamente de abandono! Embora seja sempre um abandono ativo, livre e consciente da parte do filho.

Assim o exprime, por exemplo, S. Francisco de Sales: "'Se não vos tornardes simples como crianças, não entrareis no reino do Meu Pai' (Mt 10, 16). Enquanto a criança é pequena, conserva-se em grande simplicidade; conhece apenas a sua mãe; tem apenas um amor, a sua mãe; uma única aspiração, o colo da mãe; não quer nada além de se recostar num descanso tão amável. A alma completamente simples tem apenas um amor, Deus; e nesse único amor, uma única aspiração, de

repousar no seio do Pai celestial, e aqui estabelecer o seu descanso, como um filho amoroso, deixando completamente todos os cuidados n'Ele, sem olhar para mais nada, a não ser permanecer nesta santa confiança."

Por outro lado, é essa "combinação" divindade-paternidade-amor, presente na doação trinitária à alma que comporta a realidade da filiação divina, a que realmente provoca nos santos uma profunda resposta de amor filial, entusiasmo, uma autêntica "loucura" de amor. Foi assim que exprimiram, na sua oração, por exemplo, Santa Teresa do Menino Jesus e S. Josemaria Escrivá: "Deixa-me que te diga, no excesso da minha gratidão, sim, que te diga que o teu amor atinge a loucura... Como queres que, perante essa loucura, o meu coração não se lance para ti? Como vai conhecer limites a minha confiança ...?" "Saber que me amas

tanto, meu Deus, e ... não fiquei louco?"

4. O amor paterno de Deus manifestado em Jesus Cristo e no Espírito Santo

Vamos olhar novamente para a perspetiva trinitária já apontada. Não podemos esquecer, de facto, duas realidades teológicas que também se tornam particularmente vivas nas almas que têm uma vida interior profunda e que as levam ainda mais a corresponder.

A primeira, que o Filho é a Imagem do Pai e, ao encarnar, aproxima essa Imagem de nós, também no sentido de que podemos contemplar "encarnado" o Amor de Deus Pai: em Jesus, vemos, sentimos e experimentamos esse Amor divino "humanizado"; e isso é decisivo para abordar intelectualmente essa realidade e para que exista uma verdadeira resposta filial de nossa

parte, que deve necessariamente ser humana. Ou seja, no coração de Jesus, nas Suas ações divino-humanas, nas Suas manifestações de afeto, a alma cristã torna-se mais consciente e sente mais vividamente o que significa o Amor paterno-materno de Deus: como Deus me ama, como se "traduz" humanamente (corporal e espiritualmente) esse Amor; além de descobrir os caminhos do verdadeiro amor filial, aprendidos de quem é o Filho por natureza.

Por outro lado, não somos feitos apenas filhos no Filho, mas a Encarnação de Jesus Cristo aparece como garantia da verdade da nossa própria filiação divina, como explica S. João de Ávila: “Misericórdia inefável é que Deus adote por filhos os filhos dos homens, vermes da terra. Mas, para não duvidarmos dessa misericórdia, S. João apresenta outra maior, dizendo: 'A palavra de

Deus se fez carne' (Jo 1, 14). Como quem diz: não deixes de acreditar que os homens nascem de Deus por adoção espiritual, mas tomai, como penhor desta maravilha, outra maior, que é o Filho de Deus ser feito homem, e filho de uma mulher”.

Visto de outra perspetiva, a intimidade com Jesus não é apenas intimidade com o Verbo Encarnado, mas também necessariamente com o Pai de quem procede e que O enviou a nós (a mim, descobre cada um, na perspetiva íntima e singular que estamos sublinhando). Assim, a intimidade com o Pai e a intimidade com o Filho crescem ao mesmo tempo; e a "distinção" em lidar com Eles cresce ao mesmo tempo, precisamente à medida que cresce a consciência viva de que sou filho do Pai no Filho, que sou mais Cristo…

Assim o sintetiza um conhecido texto de S. Josemaria Escrivá, que além

disso,possui um grande paralelismo com o citado acima de Santa Teresa de Jesus, e também nos leva à segunda ideia prometida: “Se amamos Cristo assim, se com ousadia divina nos refugiamos na abertura que a lança deixou no Seu Lado, a promessa do Mestre será cumprida: '«Se alguém Me tem amor, há de guardar a minha palavra; e o Meu Pai o amará, e Nós viremos a ele e nele faremos morada (*Jo* 14, 23). O coração precisa, então, de distinguir e adorar cada uma das Pessoas divinas. De alguma forma, é uma descoberta, a que a alma faz na vida sobrenatural, como as de uma criaturinha que vai abrindo os olhos à existência. E entretém-se amorosamente com o Pai e com o Filho e com o Espírito Santo; e submete-se facilmente à atividade do Paráclito vivificante.”

De facto, por outro lado - e esta é a segunda ideia, inseparável da

anterior, pois o mistério trinitário é indivisível -, o Espírito Santo é o Amor paterno-filial do Pai e do Filho, pelo qual sou feito filho de Deus em Jesus Cristo. O Paráclito não só me faz filho, me ensina a ser filho e me leva a viver como filho, mas, antes de tudo, e como causa disso, me faz participar do mesmo divino Amor paterno-filial em Cristo; e nessa participação, me mostra de maneira viva e experimental o que é o amor paterno de Deus em Jesus, porque Ele mesmo - o Espírito do Pai e do Filho - é esse Amor.

Portanto, também a intimidade que a alma busca e obtém com o Espírito Santo é necessariamente intimidade com o Pai e o Filho, na medida em que são e se amam como Pai e Filho, e na medida em que os três são Deus; e cresce a intimidade do cristão com o Espírito Santocomo uma pessoa divina distinta, na medida em que está mais consciente do que significa

ser filho do Pai no Filho pelo Espírito Santo.

Ouçamos, neste momento, Santa Catarina de Sena na sua oração: “Ó eterna Trindade, ó Divindade! Esta, a natureza divina, deu valor ao sangue do Teu Filho. Tu, Trindade eterna, és um mar profundo, onde quanto mais mergulho, mais encontro, e quanto mais encontro, mais Te procuro. És insaciável, porque enchendo-se a alma no Teu abismo, não se sacia, porque sempre fica com fome de Ti, Trindade eterna, desejando ver-Te com luz na Tua luz (...) Ó Trindade eterna, fogo e abismo de caridade! (...) Por ter experimentado e visto com a luz do entendimento a luz do Teu abismo e a beleza da criatura. Trindade eterna, portanto, olhando-me em Ti, vi que era imagem Tua, participante do Teu poder, Pai eterno e da Tua sabedoria no entendimento. Essa sabedoria é atribuída ao Teu Filho unigénito. O Espírito Santo, que

procede de ti e do Teu Filho, deu-me a vontade, pois sou capaz de amar. Tu, Trindade eterna, és quem trabalha, e eu, Tua criatura. Sei que estás apaixonado pela beleza do Teu trabalho na nova criação que fizeste de mim através do sangue do Teu Filho. Ó abismo, ó Divindade eterna, ó Mar profundo! Que mais poderias dar-me do que dar-Te a Ti mesmo?

5. A bondade do nosso Pai Deus

Em tudo o que foi dito até agora, fomos capazes de verificar como a consciência da filiação divina não apenas leva a uma generosa resposta de amor a Deus, mas também dá à alma luzes muito importantes sobre o próprio Deus; luzes que causam, é claro, um maior crescimento interior, mas também ajudam o teólogo no seu estudo científico sobre os mistérios divinos. Por este caminho desejo continuar a minha reflexão, aprofundando no binómio

intimidade-grandeza com que se nos apresenta a paternidade divina.

Consciência da paternidade de Deus significa, já o sublinhámos, consciência de um amor pessoal do Pai, em Cristo e pelo Espírito Santo em relação a cada um dos Seus filhos e filhas individualmente. Isso significa, entre outras coisas, e é assim que os santos o sentem e expressam com particular vivacidade, um amor divino vivo, atual e operativo, contínuo e intenso, e ao mesmo tempo concreto, cheio de detalhes muito pessoais do amor de Deus a respeito de cada filho enquanto tal, em que a capacidade divina infinita de amar se adapta às condições e necessidades de cada um. E quanto maior for a correspondência da alma santa a esse amor, mais Deus Se esmera, por assim dizer, em surpreendê-la com finuras e delicadezas de amor, como

o melhor dos pais e a melhor das mães.

Tudo isto proporciona ao santo uma compreensão particular da Bondade de Deus, que, longe de ser uma simples afirmação teórica, a vê manifestada dia após dia na sua própria vida, até que o comove profundamente. Assim, nos interligamos a uma das questões mais delicadas que a consciência do homem levanta quando se lhe apresenta a figura paternal de Deus: o problema do mal. Não é altura de entrar numa questão tão complexa e muitas vezes desconcertante e até traumática para o ser humano; mas sim de ressaltar, pelo menos, a perspetiva que abre a experiência dos santos para iluminar uma reflexão sobre o mal.

Poderíamos dizer que os santos abordam a questão a partir do interior do próprio Deus. Ou seja,

não tentam ligar a experiência do mal no mundo com a certeza de fé da infinita bondade divina, buscando aquele equilíbrio complexo em que tantas vezes a reflexão filosófico-teológica embarca sem chegar a porto. Mas, ao contrário, veem tudo a partir dessa intimidade alcançada com a Trindade, em que a bondade divina é, acima de tudo, o próprio amor paterno-filial do qual foram chamados a participar; e o mundo e o homem são vistos da perspetiva de Deus, Criador e Redentor. E isso a tal ponto que, ao invés de tentar explicar o mal, parece que para eles desapareceu como um problema, porque não existe no próprio Deus.

É o que expressam, por exemplo, estas palavras de S. Tomás More à filha mais velha, na sua prisão na Torre de Londres: “Minha filha queridíssima, nunca se perturbe a tua alma por qualquer coisa que me possa acontecer neste mundo. Nada

pode acontecer, senão o que Deus quer. E tenho a certeza de que seja o que for, por pior que possa parecer, será realmente o melhor.”

E assim também o aplica S. Josemaria Escrivá a situações mais comuns, objetivamente menos dramáticas, mas nas quais uma alma cristã também pode passar por dificuldades e desconcertar-se: "Penas? Contradições por um acontecimento ou outro? ... Não vês que o quer o teu Pai-Deus ... e Ele é bom ... e Ele ama-te - a ti! - mais do que todas as mães juntas no mundo podem amar os seus filhos?”

De facto, a partir dessa experiência de intimidade com Deus, é inquestionável que o que geralmente chamamos mal físico nunca é um mal verdadeiro; e, quanto ao único mal verdadeiro, o pecado, sempre aparece focado à luz da misericórdia

divina e do bem que o próprio Deus continuamente tira dele.

6. Deus Pai Misericordioso

A misericórdia paterna de Deus, vista das próprias entranhas do Seu Amor e Bondade, tem uma força particular, com efeito, na consciência da filiação divina. Não posso deter-me agora em todas as suas implicações, mas posso sublinhar, na mesma linha que marcou a nossa reflexão, o que me parece mais decisivo na experiência dos santos:não é tanto a Misericórdia enquanto perdão o que contemplam, mas enquanto amor que não pode deixar de incluir o perdão; não é tanto que meu Pai me perdoe, mas que meu Pai me ama, e é por isso que me perdoa: que o Seu coração realmente se volta para mim como filho, para além da realidade concreta das minhas boas ou más obras.

Ousaria dizer que o santo mal vê o pecado como tal, mas apenas como um contraste que ajuda a calibrar até que ponto Deus o ama pessoalmente, sem condicionar o Seu amor à resposta fiel ou infiel do Seu filho. A parábola do filho pródigo, sobre o qual se está, com toda a razão, a falar e a escrever tanto ultimamente, é certamente emblemática nesse sentido. O filho mais novo da parábola busca, quando muito, o perdão, mas o que encontra é o amor: amor paterno que inclui, é claro, perdão, mas vai muito além. O filho não recupera o pai, mas percebe que nunca o perdeu; que ele pode ser um mau filho, mas que o pai nunca pode deixar de ser um bom pai, porque realmente o ama, por ser quem é, no mais fundo e do mais fundo.

Entende-se assim que os santos se comovam a tal ponto que refletem, por exemplo, estas palavras de Santa

Teresa de Jesus: “E quem, Senhor da minha alma, não se há de espantar de Misericórdia tão grande e piedade tão crescida a traição tão feia e abominável?; não sei como não se parte o meu coraçãoquando escrevo isto, porque sou má”; ou estas outras de S. JosemariaEscrivá, referindo-se precisamente à reação do pai da parábola: “Estas são as palavras do livro sagrado: 'deu-lhe mil beijos' comia-o com beijos. Pode-se falar mais humanamente? Pode-se descrever de maneira mais gráfica o amor paternal de Deus pelos homens?”

A misericórdia geralmente aparece, de facto, na experiência e no ensino dos santos, como a grande prova do amor paternal divino, e também do coração do Seu Filho encarnado, que é a Sua imagem fiel: a manifestação mais comovedora, a mais consoladora, a mais terna. ... Portanto, é um aspeto essencial para

entender melhor tudo o que foi dito até agora e o que virá a seguir; e no caso particular dos santos, boa parte da sua compreensão do Amor divino e da sua generosa resposta à graça brota precisamente das suas experiências pessoais sobre a misericórdia viva e operativa de Deus.

Vamos dar outro passo. Como acabamos de ver na referência à parábola do filho pródigo, a Divina Misericórdia reforça a convicção de que todos nós nos encaixamos no Amor paterno de Deus: ninguém perde o carinho paterno, por mais pecaminoso que seja. Muito pelo contrário: tudo nos convida a pensar numa "predileção" divina pelo pecador. A tal ponto que santos como Santo Agostinho ou Santa Teresa do Menino Jesus falam da existência de uma misericórdia "preventiva" de Deus; porque intuem que, mesmo para o cristão que, em determinado

momento, sinceramente, não tenha consciência de pecados graves, não pode deixar de ser verdade que Deus o ama muito, porque ele lhe perdoa muito (cf. Lc 7, 40-47).

Citemos as reflexões da santa de Lisieux: “Também sei que Jesus *me perdoou muito mais do que a Santa Maria Madalena*, porque me perdoou *antecipadamente*, impedindo-me de cair. Como eu gostaria de saber explicar o que penso ...! Vou dar um exemplo. Suponhamos que o filho de um médico muito competente encontra no seu caminho uma pedra que o faz cair, e que na queda parte um membro. O seu pai vem imediatamente, levanta-o com amor e cura as suas feridas, usando todos os recursos da sua ciência; e logo o seu filho, totalmente curado, lhe mostra a sua gratidão. Que dúvida há que este filho tenha muitas razões para amar o pai!

“Mas farei outra suposição. O pai, sabendo que no caminho do seu filho há uma pedra, corre para ir diante dele e retira-a (sem que ninguém o veja). Certamente, o filho, objeto da ternura previdente do pai, se DESCONHECE a desgraça de que o pai o libertou, não lhe manifestará a sua gratidão e *amará menos* do que se o tivesse curado … Mas se chega a saber do perigo de que acaba de se livrar, não o *amará ainda muito mais*?

“Bem, eu sou essa filha, objeto do amor previdente de um *Pai* que não enviou o Verbo para resgatar os *justos*, mas os *pecadores*. Ele quer que O ame porque me *perdoou*, não muito, mas *tudo*. Não esperou que eu o *amasse muito*, como Santa Maria Madalena, mas quis que EU SOUBESSE até que ponto Ele me amou, com um amor de admirável prevenção, para que agora eu O ame com loucura …!”

7. A misericórdia do Pai e do Filho

Por outro lado, a compreensão de quão grande é o amor misericordioso de Deus Pai por cada um dos Seus filhos atinge o seu auge na contemplação do mistério da Cruz, visto não apenas pela comovedora entrega de Jesus pelos meus pecados, mas da generosidade do Pai que dá o Seu Filho e que recebe a entrega d'Este.

Isto é expresso, por exemplo, por Santo Agostinho, parafraseando São Paulo e São João: “Ó, como nos amaste, bom Pai, 'que não perdoaste o Teu Filho único, mas O entregaste por nós, ímpios!' (cf. Rm 8, 32) Ó, como nos amaste, fazendo-Se por nós ', que não tinha como usurpação ser igual a Ti, obediente até à morte na cruz, sendo o único livre entre os mortos (cf. Fil 2, 6), tendo poder para dar a Sua vida e recuperá-la novamente (cf. Jo 10, 18). Por nós, se

tornou diante de Ti vencedor e vítima e, portanto, vencedor, por ser vítima; por nós sacerdote e sacrifício diante de Ti e, portanto, sacerdote, por ser sacrifício, fazendo-nos para Ti de escravos filhos e nascendo de Ti para nos servir.”

Toda esta riqueza de evidências de Amor e Misericórdia Divina não faz mais que proporcionar novos impulsos às manifestações de tratamento filial, ousado e atrevido da alma que se deixa arrebatar e comover por Deus. Vamos ouvir novamente Santa Catarina de Sena na sua oração a Deus Pai:

“Ó Misericórdia, que procede da Tua divindade, Pai eterno, e que governa o mundo inteiro com o Teu poder! Na Tua misericórdia fomos criados, na Tua misericórdia fomos criados novamente pelo sangue do Teu filho; a Tua misericórdia nos preserva; a Tua misericórdia fez com que o Teu

filho usasse os braços no madeiro da cruz para combater a morte com a vida e a vida com a morte (...) Ó Misericórdia! O coração sufoca ao pensar em Ti, porque onde quer que eu tente fixar o meu pensamento, não encontro nada além de Misericórdia. Ó Pai eterno! Perdoa a minha ignorância, mas o amor à Tua misericórdia desculpa-me perante a Tua benevolência.”

De facto, com relativa frequência, na oração dos santos, a consideração da Misericórdia do Pai e a de Jesus Cristo se misturam até que parecem confundir-se, e é uma das ocasiões em que Jesus é frequentemente tratado como Pai; É o caso, por exemplo, desta oração de Santo Afonso Maria de Ligório: “Vós mesmo, meu Jesus, que sois ofendido por mim, tornais-vos meu intercessor: 'E Ele é a propiciação pelos nossos pecados' (1 Jo 2, 2) Não quero, pois, fazer-vos esse novo

agravo de desconfiar da Vossa Misericórdia. Arrependo-me com toda a minha alma de Vos ter desprezado, ó sumo Bem! Dignai-vos receber-me na Vossa graça por esse sangue derramado por mim. Pai ... já não sou digno de me chamar filho (Lc 15:21). Não, Redentor e meu Pai, não sou digno de ser Vosso filho, por ter tantas vezes renunciado ao Vosso amor; mas Vós me fazeis digno com os Vossos méritos. Obrigado, Meu Pai, obrigado; amo-Vos".

Reencontramos assim, de uma nova perspetiva, a estreita relação entre o Amor paterno de Deus e a doação redentora do Seu Filho, que nada mais é do que um reflexo do que o Filho recebe do Pai no seio da Trindade: toda a Sua realidade divina e, portanto, todo o Seu infinito Amor, o mesmo com o qual Pai, Filho e Espírito Santo nos amam e nos perdoam.

8. A proximidade de Deus

Para um itinerário contemplativo-reflexivo semelhante ao de que acabamos de falar sobre a Bondade e a Misericórdia, a intimidade divina que nasce da filiação divina vivida até às suas últimas consequências também nos dá luz sobre outros atributos divinos; e, aprofundando-os, a vida espiritual cresce novamente, desejando corresponder mais àquele inesgotável Amor divino.

A *imensidade* de Deus e a Sua *omnipresença*, por exemplo, aparecem assim como uma presença ativa, viva e eficaz de Deus em todos os Seus filhos; como uma realidade concreta, amorosa e íntima para a alma; uma presença de um Pai "interessado e ocupado" nas coisas do Seu filho, pequenas e grandes, transcendentes e episódicas. A alma realmente sente que o Seu Pai Deus

só tem olhos para ela; e a sua vida em Cristo e a presença ativa do Espírito não deixam de lho recordar e de o mover a atuar em consequência.

Da mesma forma, a *Eternidade* divina é experimentada como a plenitude dessa presença e doação amorosa de Deus a cada um em cada momento, derramando no interior da alma toda a riqueza do Seu ser divino: uma participação no eterno entregar-se do Pai ao Filho e ao Espírito Santo. Não é uma eternidade fora do meu tempo, mas uma eternidade derramada no meu tempo, ao qual chega a proporcionar valor de eternidade; e em tudo isto, a Encarnação do Verbo desempenha novamente um papel decisivo, pois a alma descobre até que ponto Deus realmente Se importa com tudo o que é humano e temporal.

Toda esta realidade está subjacente, por exemplo, ao que é expresso neste ponto do *Caminho*, do qual já reproduzimos algumas palavras no início: “É preciso convencermo-nos de que Deus está junto de nós continuamente. - Vivemos como se o Senhor estivesse lá longe, onde brilham as estrelas, e não consideramos que também está sempre ao nosso lado. E está como um pai amoroso - quer mais a cada um de nós do que todas as mães do mundo podem querer a seus filhos - ajudando-nos, inspirando-nos, abençoando… e perdoando. É necessário que nos embebamos, que nos saturemos de que é Pai e muito Pai nosso, o Senhor que está junto de nós e nos Céus.”

Ou a estas outras considerações e recomendações de Santa Teresa de Jesus: “Certamente podeis acreditar que onde está Sua Majestade está toda a glória. Pois vede o que Santo

Agostinho diz que O buscava em muitos lugares e que veio encontrá-l'O dentro de si. Pensais que importa pouco a uma alma derramada entender esta verdade e ver que não é necessário para falar com Seu Pai Eterno ir ao céu nem regalar-se com Ele, nem precisa falar em voz alta? Enquanto fala, Ele está tão perto que nos ouvirá; nem é necessário procurá-l'O, mas colocar-se em solidão e olhá-l'O dentro de si e não ser surpreendido por um hóspede tão bom; mas com grande humildade falar com Ele como ao pai, pedir-lhe como ao pai, contar-lhe os seus trabalhos, pedir-lhe solução para eles, entendendo que ele não é digna de ser Sua filha ”.

De outra perspetiva, a eternidade de Deus como ausência de princípio e fim, também comove o santo pelo que significa prolongar infinitamente o amor de Deus por cada um. Assim o exprime S. Francisco de Sales:

“Considera o amor eterno que Deus te manifestou, porque antes que a humanidade de Jesus Cristo sofresse por ti na Cruz, a Sua Divina Majestade tinha-te presente na Sua soberana bondade e amou-te desde o início. Mas, quando começou a amar-te? Quando começou a ser Deus. E quando começou a ser Deus? Nunca, porque não tem princípio nem fim; e, portanto, sempre te amou, desde toda a eternidade; e desde toda a eternidade te tinha preparado os favores e as graças que te concedeu.

Em estreita relação com o exposto, a *imutabilidade* deixa de ser um atributo fundamentalmente negativo, que parece distanciar Deus de nós, e se revela mais como uma vida cheia de intensa atividade, rica e perfeita, que se transforma em cada alma com verdadeiro amor paterno. A tal ponto que, nessa intimidade filial, a alma sente, por exemplo, que Deus se "comove" ao

ritmo das suas experiências pessoais, como todo o bom pai reage com amor paterno aos sentimentos, necessidades e inquietações do seu filho.

Certamente, Deus não se comove no sentido de sofrer uma mudança, mas enquanto vive com toda a intensidade do Seu amor infinito, a Sua relação connosco, como vivas e intensas são as relações no seio da Trindade. Ou seja, Deus realmente ama e "vive" o Seu amor por cada filho e filha; e, portanto, participa realmente de todas as suas vicissitudes, embora não as sofra no sentido em que essa expressão possa significar imperfeição.

Mesmo assim, o santo geralmente vai mais além; porque, através da Humanidade de Jesus Cristo, entende que Deus também quis aproximar-se dos aspetos passivos dessas experiências dos Seus filhos: quis

"humanizar" o Seu amor, sem deixar de ser divino. E issocomove-o profundamente por duas razões: porque Deus está assim mais próximo, sem dúvida; mas também porque não deixa de ser Deus: porque - insistimos mais uma vez - o grandioso e comovente é, acima de tudo, que é meu Pai e meu Deus inseparavelmente; e que Jesus é o Homem-Deus que me abre os segredos da intimidade divina, sem reduzir nem um ápice de toda a Sua grandeza, entregando-no-la.

Vejamos isso de outro ângulo: a consciência da paternidade de Deus significa descobrir que Deus tem verdadeiros "sentimentos paternos", naquilo que têm da perfeição de amor; ações divinas que a alma apaixonada realmente sente como "novas", "diferentes" a cada momento dos seus íntimos relacionamentos com Deus, na medida em que se sabe amada como

um filho concreto, diferente dos outros filhos, e a quem coisas diferentes acontecem todos os dias e todas as horas, que não são indiferentes a um amor verdadeiramente paterno e materno.

Somente dessa perspetiva se pode vislumbrar a profundidade teológica que existe nas considerações íntimas dos santos, como a que passo a reproduzir a seguir, na boca de Santa Teresa do Menino Jesus, e a vencer a tentação de classificá-los superficialmente como, por exemplo, “ingenuidades piedosas demenina ":

“Formei uma ideia tão elevada do céu, que às vezes me pergunto como Deus conseguirá surpreender-me depois da minha morte. (...) De qualquer forma, penso que daqui em diante, se não me sentir suficientemente surpreendida, aparentarei está-lo para agradar a Deus. Não haverá perigo de deixá-l'O

ver a minha deceção; saberei fazer os possíveis para que não perceba. De resto, sempre conseguirei ser feliz. Para conseguir isso, tenho os meus pequenos truques, que já conheces e que são infalíveis ... Além disso, apenas ver Deus feliz será suficiente para que eu me sinta totalmente feliz.”

Pode-se, realmente, pretender "enganar" Deus assim? Pelo menos, atrevo-me a garantir, dando a volta ao texto da santa, que o Senhor conseguiu fazer Santa Teresinha parecer ter conseguido enganá-l'O; porque diante de uma alma tão fina, um coração paterno como o de Deus não pode mais que render-Se.

Por fim, sem tentar esgotar a lista de atributos divinos, observemos também como a omnipotência de Deus tira outra perspetiva dessa intimidade filial com Ele: não é um poder que me domina e me subjuga,

mas está “ao meu serviço”, do qual até eu participo, porque sou filho e herdeiro, com todas as suas consequências. A Sua providência não é a de um vigilante ou controlador, nem - pior ainda - o de um bonecreiro que mexeu nos fios da minha vida como se eu fosse uma marioneta; mas a que refletem os desvelos de um Pai amoroso, contínua e intensamente preocupado com o bem dos Seus filhos; incluindo, acima de tudo, sua liberdade, doada na criação e reconquistada para nós por Jesus Cristo na Cruz.

9. Transcendência de Deus e intimidade filial

Em suma, a *transcendência divina*, para uma alma plenamente consciente do que significa ser filho de Deus, não é distanciamento e desinteresse, mas proximidade e intimidade: consciência de que toda essa grandeza de Deus, que por si só

parece inatingível e inalcançável, se coloca ao alcance do filho, não porque este a alcance, mas porque Ele a dá como um verdadeiro Pai amoroso.

Esta é a convicção subjacente a estas frases retiradas de uma carta de Santa Teresa dos Andes a uma amiga sua: “Acredita-me. Sinceramente to digo; dantes pensava que era impossível apaixonar-me por um Deus a quem não via; a quem não podia acariciar. Hoje, porém, afirmo com o coração na mão que Deus compensa plenamente esse sacrifício. De tal maneira, se sente esse amor, aquelas carícias de Nosso Senhor, que parece tê-l'O ao seu lado. Tão intimamente O sinto unido a mim, que não posso desejar mais, exceto a visão beatífica no céu. Sinto-me cheia d'Ele e, neste instante, estreito-O contra o meu coração, pedindo-Lhe que te faça conhecer as delícias do Seu amor. Não há

separação entre nós. Onde quer que eu vá, Ele está comigo dentro do meu pobre coração. É na casinha d'Ele que eu moro; é o meu céu aqui na terra.

Esta última expressão (“céu na terra”), referente à alma, é tomada pela santa chilena dos escritos da Beata Isabel da Trindade, que a utiliza com grande frequência e a explica assim: “'Pai nosso, que estais no céu (Mt 6, 9). Nesse pequeno céu que Ele criou no centro da nossa alma é onde devemos procurá-l'O e, sobretudo, onde devemos habitar (...) 'adoremo-l'O em espírito e em verdade' (cf. Jo 4, 23). Isto é, por Jesus Cristo e em Jesus Cristo, porque só Ele é o verdadeiro adorador em espírito e em verdade. Seremos então filhas de Deus e conheceremos por experiência própria a verdade dessas palavras de Isaías: 'Os seus filhinhos serão levados ao colo, e acariciados sobre os seus regaços.' (1 Is 66, 12).

De facto, a única ocupação de Deus parece ser encher a alma de carícias e provas de amor como uma mãe cria o seu filho e o alimenta com o seu leite. Ó! Vamos continuar a escutar a voz misteriosa do nosso Pai. 'Minha filha, diz-nos, dá-me o teu coração' (cf. Pv 23, 26).”

Contudo, a mesma ideia de “céu na terra” pode ser vista de outra perspetiva enriquecedora, como a proposta por S. Josemaria Escrivá na homilia pronunciada neste campus universitário em 1967: “Asseguro-vos, meus filhos, que, quando um cristão realiza com amor a mais intranscendente das ações diárias, ela transborda da transcendência de Deus. Por isso vos tenho repetido, com insistente martelar, que a vocação cristã consiste em fazer poesia heroica da prosa de cada dia. Na linha do horizonte, meus filhos, parecem unir-se o céu e a terra. Mas não; onde se juntam deveras é nos

vossos corações, quando viveis santamente a vida de cada dia...”

A intimidade do relacionamento paterno-filial com Deus é assim projetada em toda a realidade que rodeia a vida do cristão: no mundo visto pela Bondade do seu Criador, que é nosso Pai e que no-lo deu como herança. Isso explica o título que o fundador desta universidade deu à homilia citada: "Amar o mundo apaixonadamente", tão apaixonadamente quanto amamos o nosso Pai Deus.

Parece-me importante, neste momento já avançado da nossa reflexão, apontar outra realidade profundamente sentida pelos santos (também presente nos textos citados), mas nem sempre bem compreendida em algumas reflexões especulativas sobre o assunto. Transcendência divina significa verdadeira intimidade, sim, mas com

"Outro"; ainda mais: o maravilhoso para o santo é que, sendo Deus quem é, seja meu Pai, Se una a mim; e que, unido a mim, permaneça quem é. É um amor e uma união de dois: o Pai não é o filho e o filho não é o Pai; e, além disso, eu sou o filho porque Ele quis livrementeconstituir-me como tal.

É uma divinização que não é confusão; mais ainda, a alma santa intui que, se houvesse algum tipo de mistura ou confusão, não seria um amor genuíno, porque não receberia tanto, merecendo tão pouco: já não seria o tudo que se derrama no nada; e intui também que, se houvesse igualdade de "condições" com Deus, esse amor perderia o encanto.

Pessoalmente, apesar da pobreza de qualquer comparação desse estilo, ajuda-me a entender e explicar esse sentimento íntimo dos santos diante do amor de Deus que supera o

abismo aberto pela sua condição humana e a sua miséria pessoal, a imagem repetida de diversas formas na literatura, da pobre donzela por quem um grande príncipe se apaixona, ou do mendigo desprezado por todos que descobre um bom dia, com grande espanto, que o seu verdadeiro pai é o rei.

Aproveitemos este momento também para notar que, em tudo o que foi dito até agora, há uma atitude fundamental por parte do filho de Deus, uma atitude que é uma virtude básica no caminho da vida interior: a humildade. A filiação eleva-me a níveis insuspeitados de intimidade com Deus e de divinização, sim; mas porque Deus Se faz meu, não porque eu deixo de ser criatura, nem pecador, ou miserável. Além disso, quanto mais íntima é essa união com a Trindade, mais a alma santa sente, ao mesmo tempo, o abismo que a separa de Deus, e mais valoriza,

consequentemente, o Seu amor e a Sua misericórdia; voltando assim a começar outro ciclo de enamoramento e resposta de amor, nessa apaixonante espiral que leva à santidade.

10. Consciência da filiação divina e caminho para a santidade

Estamos a chegar ao fim da nossa reflexão, mas não quero deixar de mencionar brevemente outros dois aspetos que parecem decisivos no entendimento da vida espiritual à luz da filiação divina. O primeiro, que esteve amplamente presente em toda a apresentação, deriva das conhecidas palavras que encerram a primeira parte do sermão da montanha: "Sede perfeitos como o vosso Pai celestial é perfeito" (Mt 5, 48).

Ao falar sobre o chamamento universal à santidade, é habitual o recurso a essa citação, entre outras

referências bíblicas. No entanto, ao desenvolver o que esse chamamento implica na vida cristã, o acento às vezes é colocado - com verdade, mas, na minha opinião, demasiado unilateralmente - na imitação de Jesus Cristo. Pelo contrário, parece-me que a referência explícita que o próprio Jesus faz ao Pai neste momento abre outras perspetivas enriquecedoras sobre o que significa a santidade cristã que todos procuramos e como alcançá-la.

Com efeito, essas palavras do Senhor falam-nos da grandeza e maravilha da meta, sem rebaixá-lo um ápice e, ao mesmo tempo, aumentam a nossa confiança e desejo de alcançá-la: se não fosse o meu Pai, a sua perfeição seria inatingível; se não fosse Deus, a minha confiança vacilaria e o meu desejo não buliria, pois a meta não seria tão maravilhosa e apetecível; a mais apetecível de todas.

De facto, algo paralelo ocorre quando refletimos sobre a imitação de Jesus Cristo, que não pode ser separado do Seu Pai: se não fosse um homem como eu, quão difícil seria segui-l'O!; e se não fosse Deus, que pouco poder teria para me ajudar e que pouco encorajamento encontraria em ser Seu discípulo. E outra consideração semelhante pode ser feita ao meditar sobre o que significa ser templos do Espírito Santo e ser guiados por Ele no nosso caminho de santidade.

Mas, fazendo estas considerações paralelas, parece-me que não se devem redirecionar umas às outras, sem deturpar a própria realidade do mistério trinitário e da nossa participação nele: sou realmente filho de Deus - do Pai, no Filho, pelo Espírito Santo - , e a minha santidade brota daí e deve crescer nessas mesmas coordenadas trinitárias, até uma meta agora apenas entrevista, mas que continuará a ser divino-

trinitário: “Caríssimos, agora já somos filhos de Deus, mas não se manifestou ainda o que havemos de ser. O que sabemos é que, quando Ele se manifestar, seremos semelhantes a Ele, porque o veremos tal como Ele é.” (1 Jo 3, 2).

Assim, em particular, à medida que cresce a consciência dessa relação paterno-filial com Deus, a alma corre: voa para a santidade … Escreve a Beata Isabel da Trindade, depois de citar o fragmento de S. João que acabamos de reproduz: “Aqui está o módulo da santidade dos filhos de Deus: ser santo como Deus é santo; ser santo com a santidade de Deus e viver intimamente com Ele no fundo do abismo sem fundo, dentro do nosso ser.”

11. Paternidade de Deus e Maternidade de Maria

A nossa última consideração vai-nos levar da paternidade divina à

maternidade mariana. Mas demos a palavra a S. Luis Maria Grignion de Montfort: “Deus Pai entregou o Seu Unigénito ao mundo somente através de Maria (...) O mundo era indigno - diz Santo Agostinho - de receber imediatamente o Filho de Deus das mãos do Pai, que O entregou a Maria para que o mundo O recebesse através d'Ela. Deus Filho, fez-Se homem para nossa salvação, mas em Maria e através de Maria. Deus Espírito Santo formou Jesus Cristo em Maria, mas depois de Lhe pedir o seu consentimento por meio de um dos primeiros ministros da Sua corte.”

De acordo com estas considerações, queremos sublinhar a relação entre a paternidade divina e a maternidade mariana, que, a partir dessa relação única de Santa Maria com a Trindade, é derramada sobre nós. De facto, assim como insistimos em contemplar a consciência da filiação

divina como uma compreensão da paternidade de Deus, queremos ressaltar a conveniência de nãoconsiderar Maria apenas como modelo de filiação, nem simplesmente contemplar a Sua maternidade espiritual a partir do Seu relacionamento maternal com Jesus Cristo, mas também do Seu relacionamento singular com o Pai enquanto Pai de Jesus, e com o Espírito Santo enquanto elo de ligação no seio da Trindade.

Como consequência desta consideração, no amor maternal de Maria, sentiremos e entenderemos melhor, de maneira viva e muito "humana", o amor paterno de Deus, do qual ela participa de maneira singular; e particularmente nas suas manifestações "maternais": aquelas que precisamente serviram como ponto de partida para a nossa apresentação e reapareceram várias vezes ao longo dela, na boca dos

santos. Vamos ouvir um deles novamente, este grande mestre do amor a Maria que acabamos de mencionar:

“Esta Mãe do Amor Formoso removerá do teu coração todo o escrúpulo e temor servil e desordenado, e o abrirá e ampliará para correr pelos mandamentos do Seu Filho com a santa liberdade dos filhos de Deus, e inflamar na alma o puro amor, cuja tesoureira é Ela. De modo que no teu comportamento com o Deus-Caridade já não te governarás - como até agora - por temor, mas por puro amor. Olhá-l'O-ás como a teu Pai bondoso, esforçar-te-ás para Lhe agradar incessantemente e dialogarás com Ele confidencialmente como um filho com o seu Pai carinhoso. Se, por desgraça, chegasses a ofendê-l'O, humilhar-te-ás diante d'Ele, e Lhe pedirás perdão humildemente, estender-Lhe-ás a mão com

simplicidade, levantar-te-ás de novo amorosamente, sem constrangimento ou inquietação, e continuarás a caminhar para Ele, sem te desencorajares”.

Javier Sesé

pdf | Documento gerado automaticamente a partir de https://opusdei.org/pt-pt/article/a-filiacao-divina-fonte-de-vida-espiritual/ (12/12/2025)